



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

O corpo na multidão: as interfaces comunicação e consumo em contextos biopolíticos¹

Francisco S. Mitraud²
PPGCOM- ESPM

Resumo

Nesse artigo pomos em destaque os principais achados de nossa pesquisa de doutorado, que ocorreu entre 2013 e 2017. Como lugar de resistência, como espaço de comunicação contracultural, o corpo desempenhou protagonismo ao longo da história, como trincheira que enfrenta o hegemônico. Esse enfrentamento vem acompanhado de constantes tentativas de cooptação. Enquanto cria alternativas para manifestar-se contra valores e estéticas dominantes, suas representações são transformadas em tendências de moda e lugares de espetáculo. Na multidão, o corpo se une a outros corpos para formar um corpo-multidão e se veste para resistir. Em sua potência, no sentido espinozano, é mídia primária, e logo é também objeto de espetacularização midiática. A imprensa jornalística capta suas imagens e constrói discursos cuja produção de sentidos afasta-se de seus significados originais. Em tempos de pós-modernidade, o corpo na multidão tem sua significação biopolítica também reificada pelos contextos midiáticos.

Palavras chave: Corpo-multidão, produção de sentidos, manifestações, narrativas midiáticas.

1. Introdução

Embora minha pesquisa tenha se alterado ao longo do tempo, com mudanças de orientação e de linha de pesquisa, meu interesse sempre esteve ligado à dimensão comunicacional do corpo. De início, minha investigação mirava a possibilidade de cruzamento de categorias de gênero, classe, geração e das representações da fase adulta e da infância, sempre por meio do binômio corpo-vestuário. Minhas pesquisas buscavam, naquele momento, investigar os contextos socioculturais articulados ao consumo, um dos eixos da pesquisa PPGCOM-ESPM, com fundamentação teórica na Teoria das Mídias de Harry Pross, fortemente amparado nos textos de Norval Baitello, e nos Estudos culturais britânicos. Posteriormente, em decorrência das mudanças de orientação, as questões biopolíticas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, discursos da diferença e biopolíticas do consumo, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutor em Comunicação- PPGCOM-ESPM. E-mail: fmitraud@globocom.com



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

sobrepuseram-se. O pensamento de Michel Foucault e suas questões de adestramento, sociedade disciplinar e biopoder passaram a ser confrontadas com o conceito de biopotência com origem em Espinoza (2009). Essa relação encontrou forte ressonância no conceito de Multidão proposto por três autores italianos e um americano: Antonio Negri e Michael Hardt, Maurizio Lazzarato e Paolo Virno.

A perspectiva destes autores, cada um com suas peculiaridades, é de que uma nova forma de resistência havia se forjado e podia ser identificada em diversas manifestações no século XXI: a multidão. Trata-se da recuperação e atualização do conceito de Baruch de Espinoza (2009) para a multidão. Para este autor, uma multidão é a associação de indivíduos diferentes, reunidos em torno de um objetivo comum: a coexistência, a sobrevivência. Essa multidão plural e heterógena deve ser a razão da existência do Estado. E dela emana a biopotência. Outrora o corpo, na sua singularidade, poderia resistir e representar um coletivo – Gandhi e Mandela, por exemplo. Na pós-modernidade, em contexto de centralidade da mídia, sua preponderância nas relações de poder permanece, mas mobilizado para constituir com outros corpos a multidão biopotente.

Seja como uma possibilidade de borramento de fronteiras de categorias sociais, seja como parte do corpo-multidão que resiste, o corpo é o fundamento dos enfrentamentos biopolíticos, uma mídia viva que se move e se manifesta. Nesse artigo, revemos de forma breve um conjunto de reflexões que marcaram a jornada de minha pesquisa.

2. O corpo na passarela das ruas: por um borramento de fronteiras

Observar as ruas, os transeuntes, o que se fala e como se ouve, observar as práticas sociais cotidianas como manifestações culturais relevantes é algo relativamente novo. Devemos aos Estudos culturais britânicos o deslocamento do sentido de Cultura para “modo de vida” (CEVASCO, 2003, p. 11). Raymond Willians, considerado uma das figuras centrais da fundação desse paradigma, partindo de uma crítica à forma como o marxismo ortodoxo concebe a produção de cultura, marcada por certo reducionismo economicista, propõe que a cultura não pode ser entendida apenas como resultado ou reflexo de determinações da infraestrutura, ela é também um produto social. Vida material e social estão interligadas, interagem e se imiscuem. O autor entende que as determinações econômicas existem, mas que é importante, “além das fórmulas limitadoras, o restabelecimento de todo o processo social material e, especificamente, da produção cultural como social e material” (WILLIANS, 1979, p. 140). É com essa perspectiva teórica dos Estudos culturais que iniciamos nossa pesquisa, focando no



corpo como uma mídia primária, suporte para o vestuário, uma mídia secundária, (BAITELLO, 2001) que resiste ao hegemônico.

Nosso contraponto à resistência se encontra nos padrões mais socialmente aceitos, amplamente difundidos (e mercadorizados) pelo sistema da moda. Nesse sentido, identificamos no início de nosso trabalho investigativo, jovens universitários do curso de Direito da Universidade de São Paulo, que em 16 de maio de 2013 compareceram às aulas vestidos de saia. O portal G1 (Globo) assim noticiou o fato³:

Nem terno, nem gravata. Estudantes do tradicional curso de Direito da USP resolveram ir para a faculdade vestidos de saias, em sua maioria floridas. O protesto, prometido desde a semana passada, ocorreu nesta quinta-feira (16) no Largo São Francisco, centro de São Paulo. A manifestação ocorre em apoio a um estudante da USP Leste que no final de abril foi hostilizado por colegas nas redes sociais por ter ido às aulas vestido de saia.

Menos de um mês depois, outro incidente ocorre no colégio Bandeirantes de São Paulo, notícia também veiculada nos jornais e aqui reproduzida a partir do portal G1⁴:

Estudantes do ensino médio do Colégio Bandeirantes, de São Paulo, foram para aula nesta segunda-feira (10) vestindo saia, inclusive os meninos, em protesto contra um incidente envolvendo dois alunos que usaram saia na semana passada. Na última sexta-feira (7), um dos jovens foi retirado da aula por estar de saia. A mobilização foi feita nas redes sociais e envolveu até ex-alunos de um dos mais tradicionais colégios de São Paulo. A direção do colégio permitiu que os estudantes assistissem às aulas de saia e disse que apesar de o Bandeirantes nunca em sua história ter uniforme escolar, os alunos devem seguir um código 'informal' de vestimentas.

Em ambos os casos, o uso deliberado de saias pelos jovens ocorre como resposta a algum tipo de constrangimento que sofreram outros colegas por parte da instituição ou de outros alunos. E, nas duas situações, não seria preciso uma palavra, um cartaz: a roupa fora do contexto se transforma num texto. Na mesma época foi noticiado pela mídia que na Alemanha, um pai passou a vestir saias para apoiar seu filho de cinco anos que prefere roupas femininas às masculinas⁵.

O contexto é outro: apoio incondicional e afetuoso de um pai ao seu filho, que, mesmo sem saber,

³ Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,no-protesto-do-saiaco-alunos-de-direito-da-usp-vaao-as-aulas-vestidos-de-saias,1032462,0.htm>, acesso em 08/07/2013.

⁴ <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/06/alunos-de-colegio-de-sp-fazem-saiaco-em-protesto-contracao.html>, acesso em 08/07/2013.

⁵ conforme noticiado em <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/09/01/para-apoiar-filho-que-prefere-usar-vestidos-pai-na-alemanha-passa-a-usar-saias.htm>, acesso 08/07/2013.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

protagoniza em seu contexto a luta pelas questões de gênero.

Outro exemplo significativo encontramos no movimento Marcha das Vadias. Nesse movimento, algumas manifestantes vestem-se de maneira provocativa, muitas vezes usando *lingeries*, momento em que seus trajes se transformam em textos contra as questões ligadas ao patriarcado, à violência contra a mulher, ao direito de se vestirem como quiserem. O texto aqui possui significado agressivo, crítico. Não há qualquer retórica de sensualidade ou de erotismo.

Contudo, não é apenas num cenário de enfiamento que vemos a partir do corpo e do vestuário manifestando novas representações. Se como diz Baitello (2001), a partir das ideias de Pross, o corpo é a mídia primária, nele, corpo, também se reflete todo o embaralhamento de fronteiras pós-modernas. As injunções da moda e todos os seus movimentos históricos e sazonais continuam a existir, por certo, e são predominantes. Porém, no corpo e na forma como ele se veste na pós-modernidade, encontramos as marcas da pluralidade, da multiculturalidade, do cruzamento de fronteiras, que antes eram estabelecidas por padrões de vestir da modernidade. No século XX, principalmente em função da multiplicação das chamadas modas jovens, que surgem num primeiro momento como contestação da moda, mas que são reapropriadas pela sociedade, denotam o fim de um consenso das aparências (LIPOVETSKY, 2011, págs. 146, 147). As ruas das grandes cidades (e das pequenas) são hoje passarelas de diversidade de tipos, modelos, cores, estilos que contrariam de alguma maneira aquilo que dizem revistas especializadas que indicam tendências ou prevalências de modelos. Lipovetsky assim se referia à moda dos anos 1980:

No momento em que se eclipsa o imperativo do vestuário dispendioso, todas as formas, todos os estilos, todos os materiais ganham uma legitimidade de moda: o descuidado, o tosco, o rasgado, o descosturado, o desmazelado, o gasto, o desfiado, o esgarçado, até então rigorosamente excluídos, vêm-se incorporados no campo da moda. Reciclando os signos “inferiores”, a moda prossegue sua dinâmica democrática, como o fizeram, depois da metade do século XIX, a arte moderna e as vanguardas. (2011, p. 140).

Podemos ir além no sentido de que, não só faltam padrões totalizantes, ou massificados, mas há também uma transposição de categorias de gênero, classe, raça ou de gerações, a partir do vestuário.

Em meus primeiros artigos, comecei a defender a ideia de que a prática do *crossdressing* não deveria mais designar apenas o fenômeno que possibilita o cruzamento de gênero feminino-masculino, como por exemplo a prática de travestis se vestirem em trajes normalmente considerados femininos.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Ana Paula Vencato (2013), identificou inúmeros homens que *se montam*⁶ em clubes próprios e que são apoiados por suas esposas ou namoradas. Tal prática pode também referir-se a um *crossclass*, para identificar o fenômeno bastante atual do uso de roupas rasgadas, principalmente calças e chinelos de dedo por parte de jovens das classes A e B. O oposto também ocorre: jovens da periferia trajando roupas de marcas caras, cordões de ouro, tênis importados. Poder-se-ia criticar esse apontamento, considerando-o metodológica e epistemologicamente incorreto, já que possivelmente estas calças e chinelos serão de marcas famosas e caras, e algumas roupas dos jovens da periferia serem *fake*, o que representaria apenas a reprodução de valores. O que entendo ser relevante é exatamente o embaralhamento de fronteiras. Não é mais uma questão de gosto de classe, de modos de classe.

O mesmo se pode dizer ainda da questão geracional, ou *cross-age*. A idade não define mais o que é adequado ou não. Sendo a juventude um espírito do tempo, pessoas de todas as idades, praticando esportes ou frequentando um shopping não se distinguem mais por roupas *mais discretas*. Pelo contrário, é comum encontrar representantes da terceira idade com roupas *jovens* e jovens devidamente uniformizados em seus ternos e gravatas. Dentro ainda desse raciocínio, crianças vestidas como adultos e pais e mães vestidos como seus filhos adolescentes.

3. A multidão como objeto de pesquisa: uma revisão bibliográfica.

Minhas primeiras reflexões, no entanto, foram redirecionadas para adaptar-se à nova orientação conduzida pela Profa. Dra. Tania Hoff. Sua pesquisa concentrava-se nas questões biopolíticas e na discursividade dos corpos, sob a perspectiva das *Lógicas da produção e estratégias midiáticas articuladas ao consumo*, outro eixo de pesquisa do PPGCOM-ESPM, e fundamentada na Análise do discurso de linha francesa. Denominei meu objeto de pesquisa como corpo-multidão, concebido como as grandes mobilizações ocorridas no Brasil, em 2013 e 2016 e meu problema era compreender a produção de sentidos por meio das narrativas midiáticas.

Antes de sair a campo era necessário demarcar teoricamente o sentido de multidão. Para tanto, efetuei uma considerável revisão bibliográfica do que foram as reflexões históricas dos diversos ajuntamentos e coletivos humanos, das civilizações clássicas, Grécia e Roma, aos dias atuais. O resultado desse trabalho foi sintetizado num quadro (Quadro 1), que reúne o pensamento de diversos

⁶ Montar-se é o termo utilizado pelas praticantes de *crossdressing* e que significa o uso de vestuário, acessórios e maquiagem para torná-las com a aparência mais feminina.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

teóricos, em fases distintas da história, sobre variadas configurações de ajuntamentos e coletivos, e as principais características que tais autores atribuem aos agrupamentos por eles analisados. Esse quadro é visto aqui a seguir. Naturalmente, não há espaço para detalharmos cada autor e cada perspectiva. O trabalho detalhado pode ser encontrado no banco de teses do PPGCOM-ESPM (MITRAUD, 2017)⁷. Para esse artigo destacamos de forma resumida abaixo, apenas a compreensão contemporânea do termo, visto constituir-se fundamento do objeto da pesquisa realizada.

Na contemporaneidade, a multidão se caracteriza pelo ajuntamento de pessoas, de forma não artificial, mobilizadas em torno de pelo menos um interesse comum, que compartilham um sentimento de solidariedade, senso de comunhão e coesão mental, mas que permanecem individuadas, ou seja, com a convicção plena de suas identidades singulares. A multidão possui consciência de sua força política e dela faz uso na direção de seus propósitos. Sua constituição se opera também por uma circulação de afetos, da ordem do desamparo e da angústia, que abrem a possibilidade para relações não concorrenciais, marcadas pela indiferença e despossessão, e, por isso mesmo, com um potencial transformador.

⁷ Disponível nesse link: <http://tede2.espm.br/handle/tede/271>



Quadro 1: Perspectivas teóricas sobre ajuntamentos e coletivos

Perspectiva	Período*	Ênfase no conceito de	Em oposição a	Ciência	Características
Roma e Grécia antigas (Fustel de Coulanges)	700 a. C. - 100 d. C.	Plebe	<i>Gentes e patrícios</i>	Direito e história	A plebe está excluída da cidade, inclusive fisicamente. Mais tarde torna-se força política e revolta-se contra os patrícios.
Nicholló Maquiavel	1513	Plebe, povo, multidão, massa	Nobres	Política	A multidão é vista como honesta e aliada do bom governante.
Thomas Hobbes	1651	Povo	Multidão	Política	A multidão é irascível e violenta. O povo se constitui quando os homens (a multidão) abrem mão dos seus direitos e os transferem ao Estado, tornando-se Uno. O poder pertence ao Estado, não ao povo.
Jean-Jacques Rousseau	1762	Povo organizado, corpo moral e coletivo	Povo no estado da natureza	Política	Em seu estado natural, os homens são livres e felizes. Optam, por meio do pacto social, por se organizarem como um corpo moral e coletivo, para ultrapassar os obstáculos que os impedem de serem plenamente felizes, como na natureza.
Baruch Espinoza	1670-1678	Multidão organizada politicamente na forma do Estado	A multidão no estado de natureza	Política	A multidão é naturalmente livre e potente, e o Estado, a forma de garantir que sua condição de liberdade e potência sejam mantidas. O poder pertence à multidão.
Gustave Le Bon	1895	Multidão	Indivíduos isolados	Psicologia	A multidão é vista como irracional, violenta, animal. Adquire uma alma coletiva sob determinadas condições que suplanta a capacidade cognitiva individual.
Gabriel Tarde	1898	Multidão	Público	Comunicação	A multidão é irracional, tem algo de animal. Com a imprensa, ela evolui para a categoria de público. Classifica-se em: simples aglomerações; multidões heterogêneas e multidões homogêneas.
Karl Marx	1843-1848	Proletariado	Burguesia	Economia política	Um Estado é constituído pela multidão. Só há duas classes, a burguesia e os trabalhadores, os quais possuem um intelecto geral. Somente o proletariado pode transformar a sociedade e conduzi-la ao socialismo verdadeiro.
Elias Canetti	1960	Massa	Psicologia	Sociológica	A massa é um remédio para o repúdio que os homens possuem do contato com outro. Surgem por várias razões e sempre convergem para um ponto focal. Classificadas em: Massas abertas e fechadas; Massas estanques e rítmicas; Massas invisíveis; Massas de acossamento; Massas de fuga; Massas de proibição e de inversão.
Sigmund Freud	1921	Massas (psicologia social)	indivíduo (psicologia individual)	Psicanálise	Além dos pressupostos de Le Bon, introduz elementos psicanalíticos, como a libido, na formação da multidão.
José Ortega Y Gasset	1926	Massa		Sociologia	A massa tem sua origem no homem-massa do século XIX. É dócil, indiferente à realidade, passiva, mas pode se tornar violenta.
Peter Sloterdijk	2000	Massa gasosa e colorida	Massa molar	Comunicação	A massa pós-moderna não se reúne fisicamente, mas em torno de programas e personagens midiáticos.
Escola de Frankfurt	1930	Massa		Comunicação	A massa é formada pela indústria cultural. Homogênea e passiva.
Walter Benjamin	1938	Massa e multidão		Sociologia	Tal como a obra de arte reproduzida tecnicamente, a massa é ambígua. Revela o pior e o melhor de nós. Seduz e é seduzida. Objeto de investigação do <i>flâneur</i> e do detetive. Pode ser domesticada ou emancipar-se.
Paolo Virno	2001	Multidão	Povo	Sociologia/filosofia/política	A multidão se forma pelo compartilhamento de sentimentos de desamparo, novas formas de trabalho e o surgimento de uma subjetividade. Uma força que substitui a ideia do <i>povo</i> .
Michel Hardt e Antonio Negri	2000-2004	Multidão	Povo	Sociologia/filosofia/política	A multidão pós-moderna é uma força potente, capaz de trazer ao mundo a democracia plena. Formada com base nos relacionamentos cooperativos e solidários, graças às novas tecnologias e formas de trabalho coletivo.
Maurizio Lazzarato	2006	Agenciamentos coletivos/acometimento	Sociedade	Sociologia/filosofia/política	A articulação do desejo de novos possíveis e a transformação da subjetividade promovem o acontecimento, um agenciamento corporal que mobiliza uma multiplicidade de indivíduos, instituições etc. em direção à ação política.

* Período: no caso de Roma e Grécia, trata-se do período considerado nas análises. Nos demais casos, é o ano de lançamento das obras.

Fonte: elaborado pelo autor



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

4. O corpo-multidão e a produção de sentidos a partir das narrativas midiáticas.

A parte empírica da pesquisa envolveu duas etapas: a constituição de um *corpus* formado por imagens retiradas da imprensa escrita (Revista Carta Capital, Revista Veja, Jornal O Estado de São Paulo, Jornal Folha de São Paulo) e de postagens do Mídia Ninja, para compreender quais são os sentidos produzidos pela representação midiática das multidões contemporâneas, que para nós, tendo em vista as reflexões teóricas, constituía-se de um corpo-multidão. O problema põe foco na pluralidade e na heterogeneidade, características essenciais identificadas e destacadas pelos autores contemporâneos que mobilizamos, conforme muito brevemente demonstrado na seção anterior e no quadro anexado. A segunda etapa foi um trabalho de observação participante. O objetivo era o de sentir o *clima*, estar nas manifestações para depois confrontar com os achados na mídia.

A partir da análise do *corpus*, podemos dizer que as imagens de 2013 demonstravam inequivocamente que as Jornadas de Junho não foram marcadas por polaridades, nem de partidos, nem de classes, principalmente as que estão em Grande Plano Geral, na perspectiva a “voo de pássaro” (BENJAMIN, 2012, pp. 209, 210), tiradas por *drones*, helicópteros ou do alto de edifícios. As composições imagéticas revelam a presença da diversidade, da pluralidade. Considerando o contexto daquelas manifestações, obtido por meio de textos e imagens e de observação participante, podemos dizer que as características da multidão contemporânea estavam presentes: pluralidade, uma subjetividade coletiva, a reunião em torno de objetivos comum, a falta de liderança, a organização por meio das redes, conforme as reflexões sobre a multidão propostas por Hardt e Negri (2012), Lazzarato (2006), Virno (2004, 2013). Porém, a imagem não é suficiente para demonstrar as referidas características. Se Negri afirma que a multidão é um monstro não representável (2004, p. 17), e ele fala de representação política, não é possível também, por meio da imagem, representá-la. Há uma impossibilidade ontológica. Considerando que uma fotografia é um signo do tipo ícone (SANTAELLA, 1983), ou seja, há semelhança com seu objeto, a foto de um coletivo diz apenas que é um coletivo, um ajuntamento de pessoas. A multidão, conceitualmente falando, também não pode ser representada por uma imagem. Essa impossibilidade é coerente com outro dado encontrado nas análises: os discursos e os sentidos que deles emanam são aqueles produzidos pelos veículos de imprensa que investigamos, ou seja, a multidão não possui controle sobre sua representação. Sua voz é cooptada e suas demandas interpretadas à sua revelia. Isto é relevante dada a centralidade da mídia



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

no mundo contemporâneo e nos remete às reflexões de Nick Couldry (2010) que propõe a existência de uma crise da voz na contemporaneidade, ou seja, as narrativas são organizadas segundo lógicas do discurso hegemônico neoliberal. A partir do *corpus* analisado, compreendemos que os sentidos produzidos são uma espécie de monopólio da mídia impressa, o que configura uma arena discursiva com enfrentamentos e lutas desiguais, quando consideramos os discursos da mídia e da multidão.

A predileção da grande imprensa pelos *espetáculos* de violência procura desconstruir o clima democrático e pacífico da esmagadora maioria das manifestações e estabelece um *ethos* bélico, de confronto entre *baderneiros*, *vândalos*⁸ e a polícia. As imagens reforçam o *ethos* belicoso e irascível da multidão, e revelam a permanência de sentidos, conforme Gustave Le Bon descreve (2008). Ao mesmo tempo, desde 2013, já se começavam a criar as bases para identificar aqueles coletivos, que se colocavam contra os políticos, com o povo brasileiro.

Já as imagens dos movimentos de 2016 demonstram uma polarização da sociedade e um posicionamento político mais definido da própria grande mídia, de tal modo que, ultrapassando os contornos da missão editorial de cada veículo que compõe o *corpus*, omite ou modifica os fatos. As fotografias mostrando as maiores manifestações já ocorridas no País deixam clara a opção de signos, principalmente as cores, por grupos diferentes. A adoção desses signos, especialmente o verde-amarelo, demonstra como mudam os significados. Os discursos imagéticos pedagogizam o olhar, pois, por meio da intericonicidade (MILANES, 2013; COURTINE, 2013) e da memória visual, recuperam-se sentidos outrora produzidos e que operam, juntamente com outros elementos, na atualização dos sentidos atribuídos e na interpretação das imagens. Observamos esse modo de atualização de sentidos, por exemplo, nos discursos de jornais e revistas que, para ilustrar suas matérias de 2013, apresentam fotografias das Diretas Já ou dos Caras Pintadas.

Tanto em 2013 quanto em 2016, as mensagens verbais – isto é, os títulos, subtítulos, legendas e comentários – têm participação importante na produção de sentidos. Eles reforçam a conotação imagética e, em alguns casos, promovem interpretações completamente diferentes daquelas que emanam da imagem, a partir dos elementos nela presentes (por exemplo, a foto mostra uma manifestação pacífica e os textos noticiam vandalismo). São eles também que acirram as disputas em torno da posse dos significados dos signos e dos espaços públicos.

⁸ Os termos grifados foram utilizados em algumas reportagens dos jornais e revistas analisados.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Do ponto de vista imagético, as imagens, tanto da mídia tradicional quanto das mídias alternativas, são muito parecidas. Ambas registram as mobilizações, ambas mostram a violência, ambas marcam os espaços públicos. Contudo, o lugar de fala impõe o significado, o que é reforçado pelos textos. As postagens do Mídia Ninja, a mídia alternativa que usamos como contraponto, têm características muito diferentes daquelas dos jornais e revistas analisados. No caso do Mídia Ninja são informação e convocação, ao mesmo tempo. O caráter imediatista das mensagens (as postagens são realizadas durante o evento) cria um efeito de real e de urgência, que a mídia tradicional não consegue oferecer.

A impossibilidade de representação da multidão traz uma consequência no que diz respeito aos seus discursos. Eles são silenciados pela mídia tradicional. A imprensa interpreta os fatos segundo seu posicionamento ideológico, atribuindo sentidos segundo sua missão editorial, distorcendo e, não raro, construindo narrativas antagônicas à natureza e aos objetivos da multidão. Isso fica claro por meio da associação das manifestações com a violência, ou com a desqualificação de suas reivindicações (ao dizer, por exemplo, que se vai às ruas “contra tudo”), ou mesmo quando a imagem diz uma coisa e o texto, uma diferente. Outra estratégia de produção de sentido pela mídia é aquela de manipular as imagens, dando destaque a uma em detrimento de outra (por exemplo, publicando fotos em tamanhos diferentes).

A partir da análise do *corpus*, propomos categorias, as quais nos permitem observar as estratégias midiáticas para produzir discursos e sentidos. Essas estratégias foram separadas em categorias. Elaboramos tais categorias considerando as composições imagético-textuais - uma relação entre textos, imagens e comentários - que, confrontadas com os princípios da ADF, intericonicidade, intertextualidade, formações discursivas e ideológicas, condições de produção, atuam na produção dos sentidos por meio da mídia. São elas: *composição consonante*, quando há uma relação coerente entre os elementos compositivos; *composição dissonante*, quando há inserção de algum elemento que destoa do conjunto, resultando na criação de um sentido que não estaria presente; *composição de reforço*, ocasião em que o sentido produzido funciona como reforço de convocação; *composição disjuntiva*, a mais comum das composições encontrada nos achados, quando os elementos utilizados na mensagem, presentes numa página ou tela, estão em relação de oposição e o resultado é a uma composição que privilegia um certo sentido negativo para a mobilização; *composição atributiva*, que usa a estratégia



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

de incluir no enunciado uma marca que traz à memória outros discursos para atribuir sentidos novos ao contexto.

De acordo com a análise, as manifestações de 2016 foram marcadas por polaridades: os que estavam contra o governo Dilma Rousseff e os que estavam a favor do impeachment. Nossa observação participante revelou que esse último grupo trazia uma série de propostas e reivindicações antagônicas. Da volta dos militares ao poder aos pedidos de mais saúde e educação, os manifestantes discordavam e criticavam-se mutuamente, o que revela divisões internas. Em comum, um sentimento exacerbado de nacionalismo e uma rejeição visceral aos partidos de esquerda, principalmente o Partido dos Trabalhadores. Esse coletivo complexo e repleto de incongruências, que se apresenta com o sentimento de povo brasileiro unido (o *Uno* de Hobbes), mas que se articula sob os mesmos mecanismos da multidão de Negri e demais autores contemporâneos, é representado pela mídia sem os antagonismos. As imagens revelam, pelo contrário, unidade, coesão, homogeneidade.

Assim como os corpos singulares, o corpo-multidão é uma mídia primária. Sua presença nos espaços públicos possui uma potência discursiva em duplo sentido: transmite mensagens ao mesmo tempo em que convoca. Contudo, seus discursos são silenciados pela produção de sentidos da grande mídia.

Os corpos são a carne da multidão, uma carne amorfa, segundo Negri. Se outrora se engajavam de forma singular em suas lutas particulares ou coletivas, na pós-modernidade há um esvaziamento dos discursos do corpo. Isso se deve tanto às novas perspectivas possibilitadas pelas tecnologias de comunicação (a comunicação passa a ser virtual) como também ao apagamento das diferenças. Elas existem, mas, no cenário contemporâneo, tornam-se indiferentes. Um ambiente multicultural e a mercantilização daquilo que destoa esvaziam os discursos das diferenças. Assim, o vestuário étnico, alternativo ou roupas usadas fora de seu contexto na contemporaneidade já não possuem a força discursiva de antes. Porém isso não faz desaparecer a resistência, pois as imagens de multidão, em vários países do mundo, permitem constatar que os corpos se juntam e resistem, de modo que as multidões são agenciamentos corporais.

5. Considerações finais



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O objetivo desse artigo foi o de pôr em destaque os principais achados da pesquisa. O problema era responder à seguinte questão principal: quais são os sentidos produzidos pela representação midiática das multidões contemporâneas, considerando-se sua natureza plural e heterogênea? A produção de sentidos foi um fio condutor de nossas reflexões. Na revisão de literatura recorremos a diversos teóricos, em períodos diferentes da história, e constatamos que os esforços empreendidos para pensar e conceituar multidão pelos estudiosos investigados já são discursos que atribuem sentidos diferentes. Tal atribuição é resultado das formações discursivas e ideológicas e materializadas nos processos discursivos da sociedade, da academia científica e da formação de cada teórico, os quais estão inscritos “numa relação ideológica de classe fundada pela contradição” (GREGOLIN, 2005, p. 3). A instabilidade dos sentidos ficou demonstrada na análise do *corpus*. Conforme ensina Gregolin, citando Pêcheux, os sentidos estão sob a dependência do interdiscurso, e, acrescentamos, da intericonicidade (2005, p. 4). O sujeito enunciador (em nosso caso, a mídia impressa), utiliza-se do interdiscurso e da intericonicidade para a produção de sentidos. Como diz Gregolin, “os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos do sentido no discurso e na língua [...]” (2005, p. 5). Imagens e textos da multidão associados à violência recuperam o que autores do passado, como Le Bon e outros, afirmaram, e impõem significados contraditórios ao contexto noticiado. Quando associados à ideia de insatisfação com a representação política (como o fazem a Carta Capital e o Mídia Ninja), os sentidos são outros. E ainda, quando cores, bandeiras e espaços passam a indicar a presença do *povo brasileiro* nas ruas, as diferenças e insatisfações, que ali também estavam presentes, são silenciadas e apagadas. Deste modo, reitera-se a instabilidade dos sentidos, os quais são atribuídos segundo lógicas e estratégias próprias de cada veículo.

A revisão de literatura e a análise do *corpus* demonstram a complexidade desse objeto – a multidão, e como tal se abre à pesquisa. Não localizamos trabalho acadêmico e científico que empreendesse uma revisão de literatura na perspectiva do campo da Comunicação. Da antiguidade clássica até a contemporaneidade, visitando as reflexões de Hobbes a Negri e passando por vários autores, bem como nos discursos da mídia impressa analisada, os sentidos atribuídos à multidão mostraram-se fluídos e instáveis.

O objetivo principal deste trabalho de pesquisa era problematizar a construção de um corpo-multidão como representação da multidão e os sentidos produzidos por meio dessa representação. O corpo-multidão pode ser considerado um objeto midiático por meio do qual as mobilizações e



manifestações adentram aos fluxos comunicacionais. Contudo, ele não representa a multidão, mas coletivos de qualquer espécie. A representação midiática das multidões é ontologicamente impossível. Seus atributos principais não são capturados pelas fotografias, o que contribui para a cooptação de seus discursos. O corpo-multidão pode ser qualquer tipo de coletivo. E isso pode fragilizar a potência da multidão, já que, a produção de sentidos silencia suas vozes portadoras de mensagens cheias de esperança. Essa mensagem contém um elemento muitas vezes considerado estranho às questões de poder e política. Trata-se do amor, que, como já mencionado à página 105, permanece contido apenas na esfera do privado. Como dizem Hardt e Negri, “o amor significa precisamente que nossos encontros expansivos e nossas contínuas colaborações nos proporcionam alegria” (2012, p. 439). E esse amor, prosseguem os autores, “são expressos e encarnados no projeto material político comum da multidão” (p. 439). Essa dimensão é completamente silenciada pelos discursos produzidos e circulados pela grande mídia.

Para finalizar é preciso acrescentar uma reflexão provocativa. Do término de nossa pesquisa até o momento presente, o País sofreu profundas transformações. As mobilizações sociais tornaram-se mais escassas e pulverizadas. O corpo-multidão parece ter se retirado de cena. As razões para que isso tenha ocorrido são mais do que oportunidades de pesquisa: são um clamor. Que continuemos mobilizados sempre, como pesquisadores e observadores críticos.

6. Referências bibliográficas

- BAITELLO Jr., Norval. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária. In FAUSTO NETO, Antônio *et al.* (Org.). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In **Obras escolhidas, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CEVASCO, Maria Elisa. Dez lições sobre estudos culturais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- COULDRY, Nick. **Why voice matters**. Culture and Politics after Neoliberalism. London: Sage, 2010.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- ESPINOZA, Baruch. **Tratado político**. São Paulo: Martins Fontes, 2009
- GREGOLIN, Maria do Rosário V. **Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais do sentido: mídia e produção de identidades**. Trabalho apresentado no II Seminário de Análise do Discurso (SEAD). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**. Guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

MILANES, Nilton. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Acta Scientiarum, Language and Culture**. V. 35, nr. 4, oct-dec, 2013, pp. 345-355.

MITRAUD, Francisco S. **Comunicação, Consumo e mobilizações contemporâneas**: representações midiáticas da multidão em contextos de resistência. 2017. 213 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo.

NEGRI, Antonio. **Para uma definição ontológica de multidão**. **Revista Lugar Comum**. Estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro, n. 19-20, pp. 15-26, janeiro/2004 – junho/2004.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

VENCATO, Anna Paula. **Sapos e princesas**. prazer e segredo entre praticantes de crossdressing no brasil. São Paulo: Annablume, 2013.

VIRNO, Paolo. Multidão e princípio de individuação. **Revista Lugar Comum**. Estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro, n. 19-20, pp. 27-40, janeiro, 2004 – junho, 2004.

_____. **Gramática da multidão**. Para uma análise das formas de vida contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.